

Ana Cristina Silva Pinto

Realidade X Idealidade:
Representações acerca da atuação do Docente de
enfermagem em sala de aula.

Rio de Janeiro

2001

Ana Cristina Silva Pinto

Realidade X Idealidade:
Representações acerca da atuação do Docente de
enfermagem em sala de aula.

Reitor: Pietro Novellino

Pró Reitoria de Pós Graduação, Pesquisa e Extensão.

Pró- Reitor: Ana Maria de Bulhões Carvalho

Centro de Ciências Humanas

Decano: Maria José Mesquita de Macedo Wehling

Escola de Educação

Diretora: Dayse Martins Hora

Programa de Pós-graduação em Nível de Especialização em Formação de

Docentes Universitários

Coordenadora: Lígia Martha Coimbra da Costa Coelho

Realidade X Idealidade: Representações acerca da atuação do Docente de enfermagem em sala de aula.

Ana Cristina Silva Pinto

Monografia apresentada ao corpo docente do curso de Especialização Latu Senso Formação de Docentes Universitários da Universidade do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Docência Superior.

Orientadora: Prof. Mestre Sônia Regina de Souza

Rio de Janeiro

2001

PINTO, Ana Cristina Silva, Realidade X Idealidade: Representações acerca do docente de enfermagem em sala de aula. Rio de Janeiro, 2001, p. Monografia. Especialização em Formação de Docentes Universitários-Escola de Educação, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio de Janeiro.

PINTO, Ana Cristina Silva Pinto

Realidade X Idealidade: Representações acerca do Docente em sala de aula. Ana Cristina Silva Pinto – Rio de Janeiro; 2001, p.

Monografia / Especialização em Formação de Docentes Universitários – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, Escola de Educação / 2001.

Orientadora: Sônia Regina de Souza

1. Docente de Enfermagem. 2. Interação professor- aluno. 3. Atuação em sala de aula. I. Souza, Sônia Regina II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas. Escola de Educação. III. Realidade X Idealidade: Representações acerca da atuação do docente em sala de aula.

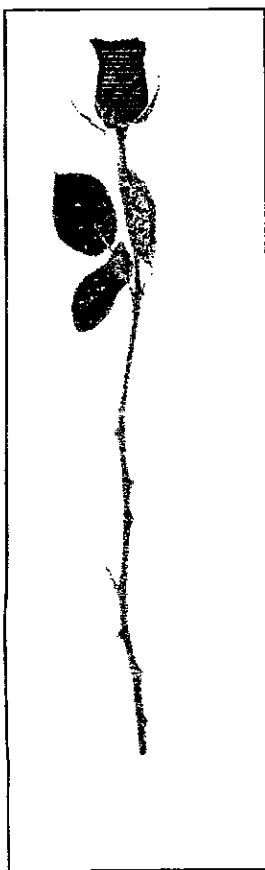


Dedico este estudo

A **Deus**, que esteve o tempo todo ao meu lado

Aos **meus pais** Dalva e Manoel, pelo incentivo quanto ao meu crescimento profissional

Ao **Nélio**, porque seu amor me fez acreditar nas possibilidades.



Agradecimentos Especiais...

A Mestra Sônia Regina, por acreditar nas minhas inquietações e pelo incentivo

Ao corpo docente do curso por terem me acompanhado nesta viagem

Aos meus amigos da Pós Graduação, pelos laços de amizade que foram criados

Ao Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgico pelo incentivo e amizade de todos.

“ Nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade, talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar ”.

(Foucault, 1993)

PINTO, Ana Cristina Silva, Realidade X Idealidade: Representações acerca da atuação do docente de enfermagem em sala de aula. Rio de Janeiro, 2001, p. Monografia. Especialização em Formação de Docentes Universitários - Escola de Educação, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO.

RESUMO:

Apropriando-se do tema Interação no processo de ensino-aprendizagem, área de conhecimento da Educação este estudo trata da atuação do docente de enfermagem em sala de aula a partir das representações dos discentes de enfermagem. O presente estudo tem como objetivos: Identificar as diferentes formas de atuação do docente de enfermagem em sala de aula a partir das representações dos discentes; Refletir sobre a prática de ensino em sala de aula no curso de enfermagem da UNIRIO, visando conhecer as representações que os discentes tem acerca da atuação dos docentes em sala. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem teórico-metodológico nas representações sociais. Os sujeitos foram oito discentes de enfermagem do 8º período do curso de graduação de uma escola de enfermagem pertencente a uma universidade federal do município do Rio de Janeiro. A coleta das informações foi realizada a partir das seguintes questões desencadeadoras: Represente o docente que você tem em sala de aula e o docente que você gostaria de ter em sala de aula. Após análise das produções pictóricas e das falas foram extraídas as seguintes categorias: **o Soberano** que quer dizer à respeito do poder de autoridade exercido em sala de aula e **o holístico** que abrange a totalidade do ser; o ideal de uma educação do senso de humanidade. Conclui-se que a atuação do docente apresenta tendências pedagógicas do ensino tradicional enquanto que o docente idealizado tem tendências do ensino voltado para a totalidade.

Pinto, Ana Cristina Silva, Reality X Idealism: Representations near of the nursing teacher's performance in classroom. Rio de Janeiro, 2001, p. Monograma. Specialization in Formation of Academical Teachers - School of Education, Center of Humanities, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO.

ABSTRACT:

Asuming the theme Interaction on the process teaching –learning, area of knowledge of the Education this study treats of the nursing teacher's performance in classroom starting from the representations of the nursing students. The present study has as objectives: To identify the different forms of the nursing teacher's performance in classroom starting from the representations of the students; To contemplate on the practice of teaching in classroom at the UNIRIO's nursing course, seeking to know the representations that the students have concerning the teachers' performance in room. It is a qualitative research with an theoretical-methodological approach in the social representations. The subjects were eight nursing students of the 8th period of the degree course of a nursing school belonging to a federal university of the municipal district of Rio de Janeiro. The collection of the information was accomplished starting from the following unhooking questions: Represent the teacher that you have at classroom and the teacher that you would like to have at classroom. After analysis of the pictorial productions and of the speeches, there were extracted the following categories: the Sovereign that they related to the authority power exercised at classroom and the Holistic that includes the being's totality; the ideal of an humanity's sense education. It is ended that the teacher's performance presents pedagogic tendencies of the traditional teaching while the idealized teacher has tendencies of the teaching gone back to the totality.

Sumário:

Capítulo I:

1. Considerações Iniciais-----	1
1.1 Um olhar sobre a interação do docente e o discente de enfermagem-----	1
1.2 Pensando sobre a prática docente em sala de aula-----	3
1.3 Objetivos-----	9

Capítulo II :

2. Uma breve retrospectiva das tendências pedagógicas e da Interação professor- aluno-----	10
---	----

Capítulo III:

3. Trajetória Metodológica-----	15
---------------------------------	----

Capítulo IV:

4. Apresentação e Discussão das categorias-----	20
---	----

Capítulo V:

5.1 Considerações Finais-----	40
5.2 Referências Bibliográficas-----	41
5.3 Anexos	

Capítulo I

1- Considerações Iniciais:

1.1 Um olhar sobre a interação do Docente e o Discente de Enfermagem.

A relação professor-aluno no sistema formal é parte da educação e insubstituível na sua natureza.

... Recuperar no professor a qualidade da relação com o aluno é fundamental.

(In: Repensando a didática. 12.ed. São Paulo, Cunha, 1996)

Diversos questionamentos sobre a prática docente se dão a partir da interação professor- aluno, visto que evidencia-se o processo ensino-aprendizagem, o que nos leva a uma longa reflexão. Abrem-se novos horizontes ao lidarmos com a dimensão desta interação. A relação educador/educando é envolvente, deixa marcas que extrapolam os limites estreitos do que chamamos de ensino. O docente tem fundamental importância no processo educativo e na formação profissional de seus alunos. Não é possível reduzi-lo a um simples executor de propostas pedagógicas e operacionalizador de tarefas que lhe são impostas. Educar é muito mais que fornecer informações ao aluno. Educar é também promover a formação de profissionais críticos e reflexivos; nesta medida, é repensar sobre os papéis que os docentes assumem.

GALLO (2000:18) afirma em relação à Educação:

“ A Educação e instrução não se excluem, mas se complementam. Ou melhor, a educação abarca a própria instrução e a completa, formando o indivíduo intelectual e socialmente, duas realidades indissociáveis. A instrução é o ato de instrumentalizar o aluno, fornecendo a ele os aparatos básicos para que possa se relacionar satisfatoriamente com a sociedade e com seu mundo”.

Ao iniciar a vida no magistério senti necessidade de buscar subsídios teóricos e estratégias pedagógicas para atuar como professora no dia a dia. Foi quando iniciei o curso de Pós Graduação em Formação de Docentes Universitários da UNIRIO. Desejava obter elementos básicos para mergulhar nas questões suscitadas pela educação de maneira que pudesse facilitar os alunos a compreender junto ao educador, que ambos são eternos aprendizes.

A questão da formação do docente de enfermagem muito me preocupa por ser de tratar de uma formação técnico- científica específica, que não é pedagógica; Também acredito que não deve ser, mas que esta prática do docente de enfermagem necessita de subsídios pedagógicos, refletindo sobre os saberes necessários à prática educativa, fundamentados numa ética pedagógica, para uma melhor formação do docente de enfermagem. Neste sentido é que FREIRE (2000:15) insiste em afirmar que “Formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desenvolvimento de destrezas”.

FREIRE (2000: 25) afirma que:

“ Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador da forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro ”.

Pensando sobre a prática da enfermeira, a função de ensino está presente em suas atividades cotidianas, estando na área da docência ou na área da assistência quando lida com clientes, familiares, comunidades, funcionários, equipe e outros profissionais de diversas áreas no seu cotidiano.

Segundo HORTA (1979:30), a *“Enfermagem é uma profissão a serviço da sociedade, com função de pesquisa, ENSINO, administração, responsabilidade legal e de participação na associação de classe”*.

Neste momento, reporto-me sobre o ser-professor enfermeira com infinitas atribuições, tanto técnico- científicas específicas quanto pedagógicas, no processo de ensino e aprendizagem do discente de enfermagem. Considero de fundamental importância valorizar mais o preparo para o ensino, a partir de uma relação harmoniosa entre professor- aluno, visto que na relação pedagógica o que se pretende não é apenas transmitir o conteúdo e habilitar destrezas, mas promover interação educador- educando através do saber pedagógico a fim de conduzir a aula de forma interessante e proveitosa para ambas as partes.

1.2 Pensando sobre a prática docente em sala de aula.

Enquanto enfermeira e docente, entendo que o ensino de enfermagem deve levar em conta a formação permanente do seu corpo docente para uma reflexão crítica e construtiva sobre a prática.

Considero, assim, junto com FREIRE (2000: 43-44), que *É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.*

Na vertente professor/aluno em especial, estas relações interpessoais apresentam marcas de ações pedagógicas no processo de aprendizagem dos alunos. Esta condição deve ser facilitada, a fim de garantir mais plenamente o processo educacional.

Ouso dizer que em qualquer etapa escolar os alunos constróem representações sociais ① dos seus professores. SPINK (1995) afirma, acerca de Representação Social,

“ (...) Desde que possamos falar sobre alguma coisa, avaliá-la e assim comunicá-la podemos representar o não usual em nosso mundo usual, reproduzi-lo como uma réplica de um modelo familiar ”.

Sendo assim, os alunos assumem características próprias, comportamentos, atitudes, posturas e nível de compreensão diferenciados, a partir das práticas docentes que, muitas vezes, passam despercebidas, mas que constróem o ser “aluno”.

Os alunos, de uma maneira geral, assumem posturas não verbais em sala de aula que expressam interesses ou até mesmos desinteresses pela aula. Weil e Tompakow, em seu livro “O corpo fala”(1986), explanam os comportamentos interpessoais e as atitudes que abrangem a comunicação psicossomática inconsciente do ser humano.

① Entendido por SPINK como forma de compreender o significado que o sujeito atribui ao evento no mundo social.

Partindo do entendimento de que o corpo manifesta expressões corporais; que estabelece uma comunicação não verbal inconsciente, a relação que o professor estabelece junto a seus alunos em sala de aula deve ser a de ter um olhar diferenciado, observando e intervindo positivamente quando o grupo demonstra desinteresse pela aula.

Este desinteresse pode ser observado através do posicionamento da cabeça, das pernas e dos braços, da apresentação de um olhar, de um sorriso, do recuo dos lábios, da inclinação do tronco e outras formas de mensagens corporais.

Considerando, junto com Weil e Tompakow (1996: 61-62), que o comportamento interpessoal determina uma relação harmoniosa ou não, leva-se em conta que *“cada parte do corpo humano é uma letra e o conjunto forma uma palavra”*. É assim, que se transmite a mensagem não verbal.

Além dessas considerações, os alunos fazem muitos comentários positivos ou negativos a respeito de seus professores, tais como: *“Esta aula é excelente, é muito dinâmica, consigo entender e correlacionar teoria com prática”*; *“Depois que passei a ter aula com ele, compreendi melhor a matéria”*; *“Este professor sabe muito, porém não sabe passar seus conhecimentos”*; *“Esta aula é muito cansativa, não consigo prestar atenção”*; *“Eu me recuso a permanecer em sala de aula”*.

Estes e outros questionamentos fizeram parte de minha vivência e de meus colegas de turma e me fizeram levantar questões a respeito da relação professor/ aluno (que pode facilitar a aprendizagem), pois a forma como o professor se relaciona com seus alunos vai determinar, entre outros aspectos, a forma como estes se relacionam com o conteúdo. Segundo ROGERS (1975: 165)

“ O facilitador tem muito a ver com o estabelecimento da disposição inicial ou o clima do grupo ou da experiência em aula. (...)”;

Este clima de sala de aula deve ser alcançado para permitir a interação “íntima” com liberdade, respeito e responsabilidade, um relacionamento pessoa a pessoa, de troca de conhecimento e aprendizagem para ambos.

A aprendizagem apresenta-se como um fenômeno resultante da troca de saberes e conhecimentos, a partir de vivências, traçando conhecimentos em processos transversais, mesmos que não o percebamos. ALVES e GARCIA (2000: 106) afirmam que o aprendizado se dá a partir do processo da criação coletiva do saber: *“O que está na sala de aula não é alguém que sabe que ensina a outros alguém que não sabem, mas sim tantos alguém que ensinam tanta coisa a outros alguém”*.

Segundo MADEIRA (1998: 241)

“Educação é um processo amplo, que envolve o homem todo e todo homem, no concreto de seu viver e de seu fazer. Somos todos aprendizes e ensinantes numa interlocução com o outro, presente ou suposto, pela qual, saber e fazer integram-se à dinâmica do viver, como apropriação e expressão.”

Percebo que o aprendizado está intimamente relacionado com a interação estabelecida entre professor e aluno em sala de aula, podendo facilitar ou dificultar esta relação. ROGERS (1975 : 166) exemplifica esta recíproca que deve ser estabelecida entre ambas as partes:

“Quando se estabelece o clima de receptividade, em aula, o facilitador está apto a se tornar, progressivamente, um aprendiz participante, um membro do grupo, exprimindo suas opiniões como as de um entre os outros indivíduos.”

Trata-se da importância do docente em enfatizar a necessidade de uma relação harmoniosa com seus alunos para que se atinja o processo de ensino/aprendizagem.

MOREIRA (1985: 81-82) afirma que, nesta relação, o professor:

“... implica em confiar na potencialidade do aluno para aprender, em criar condições favoráveis para o crescimento e autorealização do aluno, em deixá-lo livre para aprender, manifestar suas direções, formular seus próprios problemas, decidir sobre próprio curso de ação, viver as conseqüências de suas escolhas.”

O processo de interação, segundo MOSCOVICI (1997:30), apresenta fenômenos de ordem psicobiológica e social, que ocorrem entre as pessoas e dentro de cada uma delas, em contextos interpessoais, grupais e organizacionais.

Entendo que esta relação depende da forma de atuação do docente em sala de aula, suprindo as necessidades de cada aluno. Foi quando notei que alguns alunos apresentavam maiores dificuldades em determinadas disciplinas e um nível de maior compreensão em outras, com o mesmo nível de complexidade. Neste momento reporte-me como seria a representação social dos docentes pelos discentes em sala de aula na realidade e como seria a representação social dos docentes no contexto de idealidade. E passei a observar, nas seguintes falas dos alunos, alguns comportamentos individuais que cada docente assume em sala de aula, do tipo: “... *Ele é muito autoritário, o dono da verdade, tudo pode e nem aceita nossas justificativa..*”; “...*A nossa relação nem parece ser de professor- aluno; Ele nos ouve e aceita nossas opiniões, o que permite mostrar nossas dificuldades.*”

O professor tem sido alvo de diversos questionamentos e de comentários negativos, que em síntese, determinam o papel que vem assumindo. O resgate da profissão e o seu reconhecimento social positivo são o caminho para chegar ao professor que os alunos gostariam de ter em sala de aula. As representações sociais que discentes estabelecem de seus respectivos docentes é o alvo deste estudo, que trata de discutir a atuação do docente a partir das

representações dos discentes em sala de aula para garantir o processo de ensino-aprendizagem.

Hoje, na posição de docente do curso de enfermagem, tenho inquietações com a prática do ensino e a partir dessas considerações pretendo com o estudo das representações sociais, que parece ser um caminho para atingir essas inquietações, conhecer a atuação do docente de enfermagem em sala de aula através das visões dos discentes, sendo esta a problemática que norteou o estudo. Acredito que os alunos são os mais indicados para relatar as diferentes formas de atuação e as características que facilitam e as que prejudicam este processo. Com o final deste estudo, essas representações servirão como guia para reflexão da prática docente, objetivando a melhoria do processo ensino/aprendizagem.

1.3- Objetivo geral:

Conhecer as representações que os acadêmicos de enfermagem tem acerca da atuação dos docentes em sala de aula.

Objetivos específicos:

Identificar as diferentes formas de atuação do docente de enfermagem em sala de aula a partir das representações dos discentes.

Refletir sobre a prática do ensino em sala de aula no curso de enfermagem da UNIRIO.

Capítulo II

2. Uma breve retrospectiva das Tendências Pedagógicas e da Interação Professor- aluno .

Para subsidiar este estudo, foi necessário refletir a respeito das tendências pedagógicas da educação, promovendo a compreensão das características do ensino para a enfermagem.

Ao analisar as **tendências pedagógicas**, LIBÂNEO (1993) classifica-as em dois grandes blocos: o das **liberais** - Pedagogia Tradicional, Pedagogia Renovada e Tecnicismo educacional e o das **progressistas** – Pedagogia Libertadora e Pedagogia Crítico- Social dos Conteúdos. As tendências liberais apresentam caráter ideológico e função conservadora, enquanto que as tendências progressistas visam superar o imobilismo da visão reprodutivista, contribuindo para uma pedagogia social e crítica.

A Pedagogia Tradicional é marcada pela figura do professor disciplinador que expõe e interpreta a matéria. Cabe ao aluno ouvir, fazer exercícios repetitivos e reproduzir informações. A repetição serve como indicação de que a aprendizagem se realizou.

Na Pedagogia Renovada, Surgem várias correntes que estão ligadas ao movimento da pedagogia ativa, como contraposição à pedagogia tradicional. Neste caso, o professor serve como mediador entre o conhecimento e suas necessidades individuais.

Quanto ao tecnicismo educacional, caracteriza-se no uso de manuais didáticos de cunho tecnicista e instrumental, visando o aperfeiçoamento do sistema capitalista.

A Tendência Progressista Libertadora trata-se de uma proposta revolucionária, onde a atividade escolar é centrada nas discussão de temas sociais e políticos, analisada a partir do contexto sócio- econômico e cultural.

Para a Pedagogia Crítico- Social dos conteúdos, a educação “atribui grande importância a Didática, cujo objeto de estudo é o processo de ensino nas suas relações e ligações com a aprendizagem” (LIBÂNEO,1993:70). O professor é considerado como elemento detentor de uma grande responsabilidade para que se garanta um ensino de qualidade.

Estas correntes pedagógicas formam a base para a compreensão deste estudo, visando compreender diversas formas de atuação do docente de enfermagem em sala de aula. Dentre as tendências mais presentes no ensino de enfermagem compreendo, como BECKER (1993) a existência de pelo menos três polarizações: A voltada para o professor, a voltada para o aluno e a voltada para as relações entre professor e aluno.

A polarização voltada para o professor tende ao ensino tradicional, predominando o poder decisório do professor. As normas são rígidas, os conteúdos determinados, a avaliação é autoritária e os alunos ouvem e reproduzem as informações, indicando que ocorreu aprendizagem.

A polarização voltada para o aluno, segundo BECKER, tenta desfazer o autoritarismo do modelo anterior, mas cria um novo que pode tornar-se tão autoritário como aquele, quando atribui ao aluno qualidades que ele não possui.

Ao referir-se a esta tendência ,LIBÂNEO (1985), afirma que:

... A educação é vida presente, é a parte da própria experiência humana. A escola renovada propõe um ensino que valorize a auto- educação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo.

LIBÂNEO (1985: 22)

Nesta abordagem os professores criam condições para que os alunos aprendam a partir de suas próprias experiências.

A polarização voltada para as relações entre professor e aluno visa valorizar tanto a experiência do aluno quanto a do professor. São vivências diferenciadas que devem valorizar a relação pedagógica, não havendo hegemonia prévia para nenhum dos dois pólos .

Neste momento é oportuno ressaltar o papel do docente em sala de aula que, segundo CLARO (In: A causa dos Professores. Campinas, SP1995). refere o professor como mediador, tendo a responsabilidade de dar significado ao conhecimento. Em outras palavras, compreende o domínio adequado do saber, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber.

Ao mediar o ensino, o professor precisa integrar-se com os alunos, buscando uma visão integrada da situação apresentada em sala de aula, compreendendo-o, conduzindo o processo educacional, guiando e orientando o aluno, não assumindo o papel de máquina que fala e transmite o saber.

É a partir da relação que o professor estabelece com seus alunos que se estabelece o aprendizado. Segundo GARCIA (1982: 346), “Na relação pedagógica o que se aprende não é tanto o conteúdo, mas o tipo de vínculo educador-educando que se dá na relação”.

“O professor é o mediador entre o aluno e o conhecimento, é ele quem dá vida ao conteúdo, é ele quem tem condição de transformar esse conteúdo em algo que tenha significado na vida do aluno, de estabelecer o vínculo entre o conhecimento e o ser que aprende, ele é o que guia e orienta dor do educando na tarefa de apropriação do saber. E o professor que assim se comporta, que trabalha o conteúdo de modo a torná-lo significativo para o aluno.”

(In: A causa dos Professores. Campinas, SP, CLARO,1995)

Na relação pedagógica, o processo de ensino- aprendizagem compete tanto ao professor quanto ao aluno, e a interação que envolve estas relações interpessoais são envolvidas por sentimentos que interferem com níveis de satisfações e insatisfações pessoais e grupais, influenciando na recíproca e caracterizando o ambiente da sala de aula.

MOSCOVICI (1997:34) relata que:

... Os sentimentos positivos de simpatia e atração provocarão aumento de interação e cooperação, repercutindo favoravelmente nas atividades e ensejando maior produtividade. Por outro lado, sentimento negativos de antipatia e rejeição tenderão à diminuição das interações, ao afastamento, à menor comunicação, repercutindo desfavoravelmente nas atividades, com provável queda de produtividade.

Nas relações interpessoais entre professor- aluno, o contato inicial na sala de aula gera um impacto entre cada um, e determina uma primeira impressão, envolvendo fatores de ordem psicológica e emocional que poderão favorecer ou dificultar esta relação pré estabelecida. A interação que se estabelece é um fator fundamental para atingir o processo de ensino- aprendizagem, razão pela qual deve ser abordada para melhor compreender este processo.

Sendo assim, LIBÂNEO (1993: 249) ressalta dois aspectos da interação professor- aluno no trabalho docente : “ o *aspecto cognitivo*

(que diz respeito à forma de comunicação dos conteúdos escolares e às tarefas escolares indicadas aos alunos) e o *aspecto sócio- emocional* (que diz respeito às relações pessoais entre professor e aluno e às normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente) ”.

Neste estudo reporto- me às relações entre professor- aluno de ordem emocional. Portanto, não se trata de afetividade e nem de amor, mas de sentimentos prazerosos que poderão aumentar a interação, favorecendo construtivamente o processo de ensino- aprendizagem.

Capítulo III

3. Trajetória Metodológica:

Foi realizada uma pesquisa do tipo exploratório – descritivo, adotando abordagem qualitativa que se deve ao fato desta permitir um aprofundamento maior dos dados e privilegiar informações que não podem ser quantificadas. Este tipo de estudo, segundo MINAYO (1996:35) é entendido como **“capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais.”**

A abordagem qualitativa é, segundo GIL (1995), a que proporciona visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato, descrevendo as características de determinado fenômeno e é habitualmente usada por pesquisadores sociais preocupados com a prática.

O enfoque foi o das Representações Sociais, que são a forma como o indivíduo compreende e representa o seu cotidiano no mundo social.

Segundo MOSCOVICI (1981, p.181), o termo *Representações sociais* designa um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. Moscovici foi o iniciador da Teoria das Representações Sociais e Durkheim foi o sociólogo, da escola francesa, que primeiro trabalhou com Representação. De acordo com MINAYO (1995, p.90), para Durkheim, o termo se refere a *“categorias de pensamento através das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade.”*

Concordo com VACHOD (1996, p.30) quando diz que definir Representação Social não tem sido tarefa fácil, dada sua complexidade na explicação do significado deste termo e do seu tratamento.

JODELET (1984), com sua relevância ao estudo das representações sociais, propõe a seguinte conceituação geral: *“As Representações Sociais são modalidades de pensamentos práticos orientados para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal”* (p.361-2). Mais tarde, dando prosseguimento à sistematização do campo de que se incumbira, JODELET (1989:36) proporciona a seguinte definição sintética: *Representações Sociais são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”*.

JODELET IN SPINK (1995, p.121) diz que:

“As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm.”

Esta colocação encaixa-se com o estudo proposto, pois os acadêmicos, representam os docentes a partir da forma como eles atuam em sala de aula. Não se trata de uma simples reprodução, mas da construção de uma criação individual e coletiva.

JODELET (1984, p.36) explica que:

“No caso das Representações Sociais, o fato de que se trate de uma forma de conhecimento acarreta o risco de reduzi-la a um evento intra-individual, onde o social intervém apenas secundariamente; o fato de se tratar de uma forma de pensamento social acarreta o risco de diluí-la nos fenômenos culturais ou ideológicos.”

As representações são produtos do conhecimento e de idéias pertencentes a um determinado grupo que pensa, criando sua própria versão. Por isso mesmo, segundo MOSCOVICI (1976), esse “conjuntos de conceitos, afirmações e explicações”, que são as Representações Sociais, devem ser consideradas como verdadeiras “teorias” do senso comum, “ciências coletivas” *sui generis*, pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção das realidades sociais. Neste sentido, Ibañez é bem explícito quanto ao caráter estruturado das representações sociais.

“(…)O fato que as representações sociais estejam estruturadas nos indica também que não há por que existir uma representação social para cada objeto em que possamos pensar. Pode ser que um determinado objeto tão só dê lugar a uma série de opiniões e de imagens relativamente desconexas Isto nos indica também que nem todos os grupos ou categorias sociais tenham que participar de uma representação social que lhe seja própria. É possível, por exemplo, que um grupo tenha uma representação de certo objeto e que outro grupo se caracterize tão-somente pelo fato de dispor de um conjunto de opiniões, de informações ou de imagens acerca desse mesmo objeto, sem que isso suponha a existência de uma representação social”.

(IBAÑEZ,1988:34-35)

Com estas palavras, pode-se comprovar que o Homem é realmente um produto do meio. O ser humano não pode ser estudado individualmente apenas; deve-se levar em consideração a sociedade em que está inserido. Neste sentido a sala de aula, espaço onde o sujeito deste estudo se insere, constitui um mundo psicossocial rico em termos de subjetividade e expectativas.

MINAYO (1995, p.96) diz que:

“Os homens respondem não apenas aos aspectos físicos de uma situação, mas também e por vezes primariamente, ao sentido que esta situação tem para eles. Uma vez que eles atribuem algum sentido à situação, o seu comportamento subsequente e algumas das conseqüências deste comportamento são determinados por este sentido anteriormente atribuído.

No que se refere à questão das finalidades das representações sociais, ABRIC (1994) atribui-lhe quatro funções essenciais:

“Funções de saber: elas permitem compreender e explicar a realidade. (...) elas permitem aos atores sociais adquirir conhecimento e integrá-los a um quadro assimilável para eles, em coerência com seu funcionamento cognitivo e os valores aos quais aderem”.

Funções identitárias: Elas definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos (...). As representações têm também a função situar os indivíduos e os grupos no campo social(permitindo) a elaboração de uma identidade social e pessoal (...).

Funções de orientação: elas guiam os comportamentos e as práticas. A representação intervém diretamente na definição da finalidade da situação, determinando assim a priori o tipo de relações pertinentes para o sujeito (...).

Funções justificatórias: elas permitem justificar a posteriori as tomadas de posição e os comportamentos (...). Permitem aos atores explicar e justificar suas condutas em uma situação ou em relação aos seus participantes”.

(ABRIC, 1994; p.15-18).

Acredito que com o conhecimento das formas de atuação dos docentes em sala de aula a partir das representações dos discentes originadas do seu dia-a-dia emergirão formas de aproximação da realidade, relevantes para o processo de ensino e aprendizagem.

Como cenário foi utilizada uma escola de enfermagem pertencente a uma universidade federal situada no município do Rio de Janeiro que possui em seu quadro uma média de quatrocentos e setenta alunos regularmente matriculados e freqüentando o curso. Possui em seu quadro de docentes cerca de quarenta docentes atuando em sala de aula.

Os sujeitos do estudo foram os acadêmicos de enfermagem do 8º período do curso de graduação, visto que, nesta fase, os alunos já interagiram com diversos docentes em suas variadas formas de atuação.

A coleta de informação foi realizada a partir da proposta de uma dinâmica de criatividade e sensibilidade ②, onde solicitou-se aos sujeitos que representassem, com auxílio de cartolinas, revistas, tesouras, giz de cera, hidrocores e lápis coloridos o docente que eles tem em sala de aula e o docente que eles gostariam de ter em sala de aula.

Logo após, foi solicitado que os mesmos comentassem acerca do material pictórico produzido, sendo que as falas foram gravadas em fitas cassete com a devida autorização dos depoentes, tendo a liberdade de expor tudo o que pensam sobre a questão apresentada, com o mínimo de interferência de minha parte. Ao meu entendimento a entrevista com gravador possibilita maior fidelidade das falas dos entrevistados. Antes de serem iniciadas as dinâmicas foi informado o objetivo do estudo, a liberdade de participar se assim o desejar e o fato de que seus nomes serão omitidos para fins de relatórios.

A análise foi realizada a partir da transcrição das falas dos sujeitos realizando inicialmente um agrupamento das falas que denotaram o mesmo sentido. Trata-se da construção das categorias. A seguir apresentaremos as categorias construídas.

② Permite aos sujeitos a partir do ato de criar, cogitar sobre suas próprias sensações e sentimentos evidenciando a subjetividade. FIGUEIREDO (1999).

Capítulo IV

4. Apresentação e Discussão das categorias

O processo de tratamento das informações foi feito considerando dois grupos de categorias referentes às questões desencadeadas. Neste momento de categorização percebemos que os significados emergentes nas falas de cada grupo eram semelhantes e por isso nomeamos as seguintes categorias como O Soberano e O Holístico .

4.1 Categoria - O Soberano

Esta categoria diz respeito à questão: **Que docente que eu tenho em sala de aula?** Soberania de acordo com o dicionário O GLOBO (1993), quer dizer:

“Que ocupa o primeiro lugar; o mais elevado ou graduado em seu gênero; que se acha revestido de autoridade suprema; que exerce um poder supremo, sem restrição nem neutralização; absoluto; magnífico; supremo; dominador; altivo; arrogante; notável; influente; muito poderoso; diz-se de um remédio infalível; o que exerce poder soberano; monarca; imperante; aquele que tem grande poder ou influência”.

Referente a esta categoria, foram extraídas as seguintes falas:

“ Preso a antigos paradigmas ”

“ Eu sou o professor e você é o aluno “

“ Eu dou as ordens e você obedece ”

“ Não permite uma troca do saber, nem aproximação “.

“ São fechados não aceita diálogo ”

“ Detentor do saber ”

“ Inerte ao que acontece em sala de aula ”

“ Sem conteúdo e desatualizado ”

“ Dono da verdade e o “todo- poderoso ”

“ Caracterizado pela dicotomia entre o pensar e o agir “

“ Impõe medo e domínio de poder sobre nós ”

Para melhor compreensão desta categoria, seguem as produções pictóricas dos sujeitos que contribuíram para sua formação.

Grupo A

O docente que temos em sala



preso a paradigmas
antigos



fechados



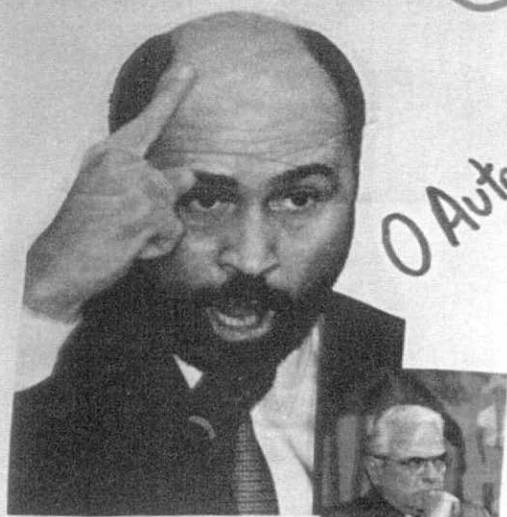
MUITAS VEZES NOS ESPANTAM
COM SUAS ATITUDES!



NOS DÃO AS COSTAS,
QUANDO QUEREMOS EXPOR
T. USOS PROBLEMAS"

GRUPO D

O DOCENTE QUE TEMOS EM SALA DE AULA.



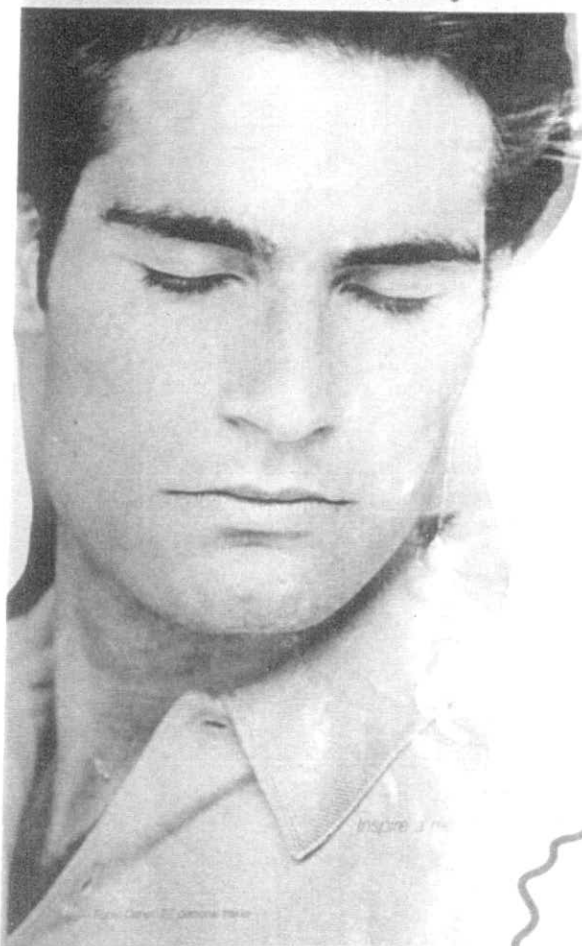
O Autoritário

Ditador



A Mãezona

Indiferente.



O Protetor...



...de alguns...

O Sabe Nada.



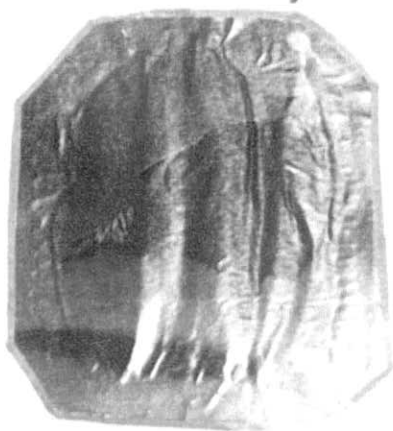
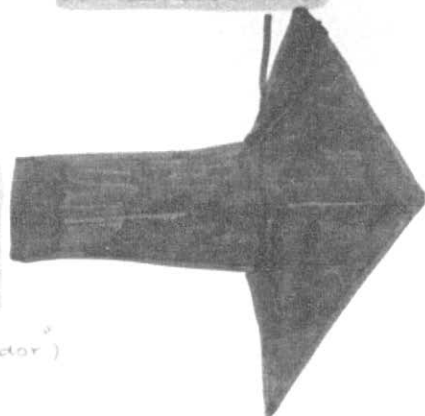
GRUPO C

0

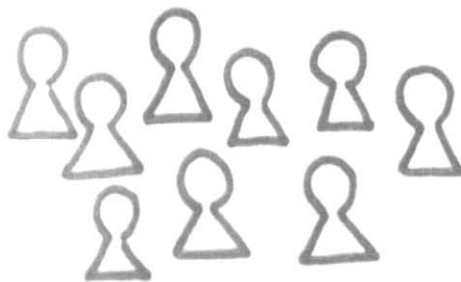
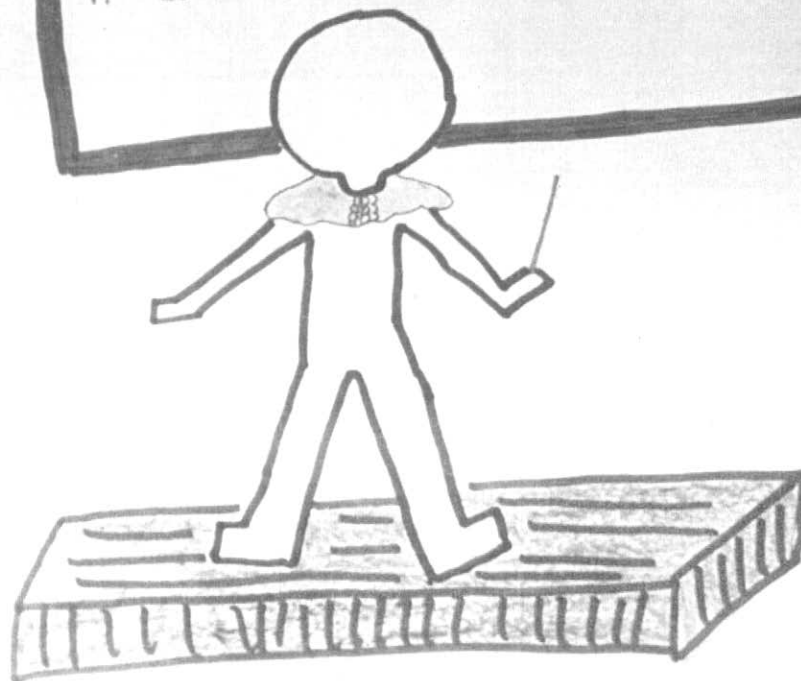
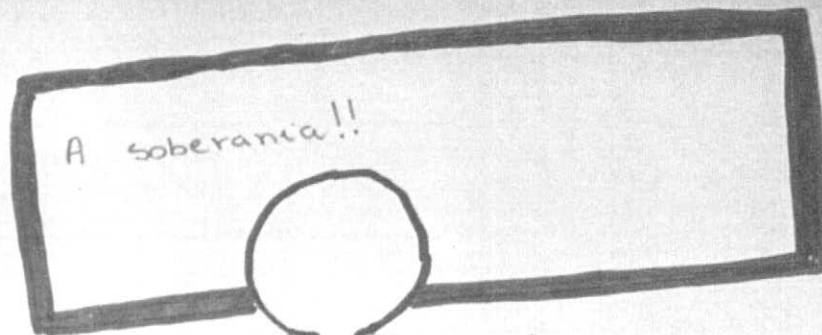
DOCENTE de Sala de Aula



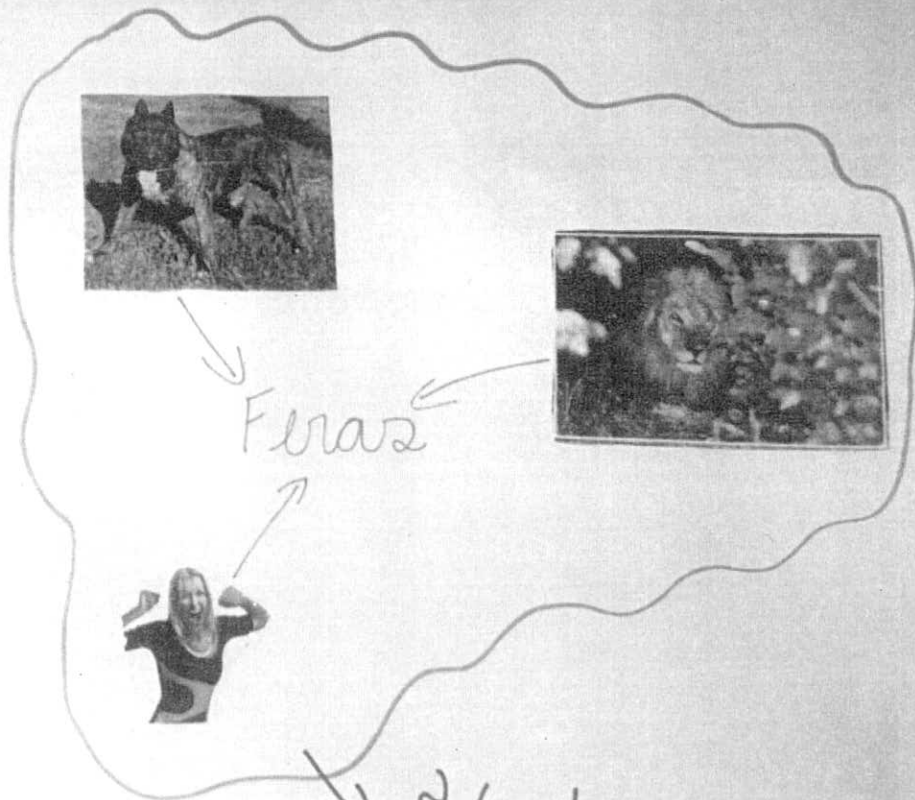
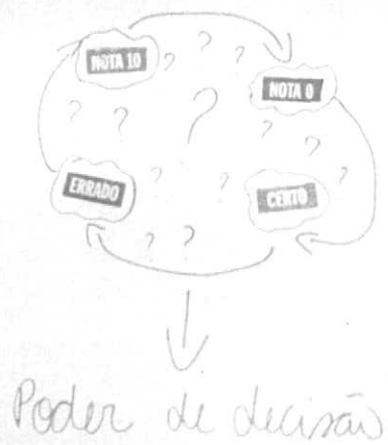
0 monstro (Afrontador)



0 contador de histórias (Cabo-Glu)



* O Doçante que Sermos:



Dentre os elementos que expressam uma visão do docente de enfermagem em sala de aula, vale a pena ressaltar as características das imagens representadas pelos discentes do curso de graduação em enfermagem.

GRUPO A1: representa seus docentes **Presos a antigos paradigmas** e utilizaram uma figura contendo pessoas aglomeradas, pressas atrás das grades, com olhares ingênuos que não conseguem perceber o que tem do outro lado. Por estarem “presos aos antigos paradigmas”, não tem a sensibilidade de permitir o novo e as mudanças que ocorrem num novo tempo.

Para representarem a transformação do docente com suas **atitudes assustadoras** utilizaram uma figura de um cão feroz, bravo, com os olhos abertos, semblante assustador, boca aberta, com dentes aparecendo prontos a atacar, expressando raiva, impondo medo e assustando com suas atitudes ao serem contestados e em qualquer contato que se expressa aproximação.

Para representarem **docentes fechados**, utilizaram a figura de um pote de maionese vedado, protegendo sua essência.

A **impossibilidade de aproximação** é representada com uma figura de três mulheres dando as costas, sem aproximação para expor problemas e dificuldades identificadas nesta relação. Com isso, o grupo refere-se à dificuldade no processo de ensino, devido às barreiras encontrada nesta relação.

GRUPO B1: Utiliza uma figura de um homem com expressões corporais expressando o **autoritarismo**, através da face e da manifestação com a mão direita à sua cabeça, expressando seu pensamento, cabendo ao aluno ouvir passivamente e reproduzir suas informações, caracterizando o poder de decisão sobre os alunos.

A **mãezona** foi representada com uma característica boa, onde se tem laços afetivos; porém, mesmo nesta relação, notamos o poder que um tem sobre o outro.

A **indiferença** de certos professores foi representada com uma figura de um homem de olhos fechados, sendo inerte ao que acontece à sua volta, principalmente no que diz respeito aos alunos.

Para representarem a **proteção de alguns** alunos, utilizaram algumas figuras com duas ou até três pessoas que são tratadas de forma diferente entre os alunos.

Este grupo representou o professor **sabe nada**, que não gosta de ser contestado com uma figura de um homem apresentando expressões corporais através das mãos voltadas para cima e com a boca aberta, expressando não saber respondera o conteúdo abordado em sala de aula.

GRUPO C1: Através da produção pictórica, representa o docente **soberano**, numa posição e tamanho superiores ao aluno, sobre um enorme tablado, exercendo o poder supremo. Difere e destaca-se do aluno.

Utiliza uma figura santificada para representar um “**Deus**”, o “todo poderoso”, que tudo pode e tudo faz com os alunos.

Uma outra figura utilizada pelo grupo foi a de uma menina ingênua e sozinha, sendo imprensada à parede por vários ursos **afrontadores**, gerando medo ao exercer qualquer aproximação.

O grupo representa ainda o docente “**contador de histórias**” através de uma figura de animal (o peru), com um enorme “papo”, caracterizando a dicotomia entre o pensar e o agir.

GRUPO D1: Representa seus docentes utilizando várias figuras de animais ferozes, bravos e assustadores com expressões de raiva e superioridade

e uma figura de mulher com expressões corporais de raiva e poder, com braços erguidos e mãos fechadas, impondo medo e **dominação** sobre os seus subordinados.

Utiliza palavras tais como: Certo, Errado, Nota:0 e Nota: 10, a fim de representar o **poder de decisão** sobre os alunos: acham-se os “donos da verdade”, não admitem opiniões contrárias às suas.

Nesta primeira categoria, a qual denominamos **O SOBERANO**, podem se observar várias formas de atuação do docente em sala aula, ao exercer um poder supremo, dominador e que tem grande poder de autoridade. Esses docentes agem de forma ultrapassada, com atitudes da antiga formação tradicional, onde o professor é quem dá as ordens e o aluno obedece, não permitindo uma troca do saber.

Notamos que suas tendências pedagógicas são extremamente liberais, enfatizando a pedagogia tradicional em que, segundo LIBÂNEO (1993: 65)

“... É comum nas escolas atribuir-se ao ensino a tarefa de mera transmissão de conhecimentos, sobrecarregar o aluno de conhecimentos que são decorados sem questionamento...”.

A tendência tradicional deixou marcas ainda bastante presentes na prática dos docentes até os dias atuais e não podemos considerá-la coisa do passado. Estando em pleno século XXI, esta tendência permanece viva, consciente ou inconscientemente na prática docente, de forma aterrorizante para os discentes, visto que trata-se de um momento histórico. É de fundamental

importância ressaltar que os alunos não são tão imaturos e inexperientes como antes.

Nas falas anteriores, podemos perceber que o educador é superior ao educando porque diz “deter o saber”. O comportamento autoritário da prática docente gera resistência e oposição ao aprendizado. Essas reações prejudicam tanto a interação dos sujeitos quanto o clima da sala de aula e conseqüentemente interferem no processo de ensino- aprendizagem . Neste momento, concordo com CLARO (1995) quanto ao autoritarismo que se estabelece na relação professor- aluno :

“A relação que se estabelece com seus alunos é autoritária e de caráter dependente, isto é, ele possui o conhecimento e manda, o aluno não sabe e obedece. O conteúdo deixa de ter significado para o aluno, que retém o que foi friamente transmitido apenas para ser avaliado nas provas e ter condições de ser promovido, não incorporando o conteúdo à sua vida”.

(CLARO,1995 : 126)

O educando submetido a esta relação autoritária e soberana permanece ingênuo, sem compreender o processo de aprendizagem; apenas ouve e reproduz informações, não consegue correlacionar os contextos sociais. Desta maneira, a interação que se estabelece nesta relação gera sentimentos de insatisfação que irão interferir na auto- aceitação dos conteúdos de cada aluno.

4.2 Categoria - O Holístico

Esta categoria diz respeito ao **docente que os discentes gostariam de ter**. O Holístico é aquele que estabelece na relação entre professor- aluno um produto do todo, onde se tem educação para a totalidade, não se reduz à instrução. Exige transformação nas práticas docentes. De acordo com NETO e PEREIRA (1982), refere-se a diferentes interpretações, quando se parte da visão do todo, ou do holístico. Dentro da explicação holística, a preocupação vai desde o entendimento de algumas variáveis até a estrutura social.

A educação para a totalidade contrapõe-se às tendências liberais. Neste momento a educação visa a autonomia dos sujeitos, e não a alienação e conformidade. Torna os alunos críticos e reflexivos com todo o contexto social.

Referente a esta categoria foram extraídas as seguintes falas:

“ Que ajude no nosso crescimento profissional quanto no pessoal ”.

“ Que tenha uma visão além do que os olhos possam enxergar ”.

“ Que tenha atenção a todas as nossas palavras ”.

“ Seja atualizado com a situação do nosso país e do mundo ”.

“ Seja responsável, atualizado, amigo, politizado, compreensivo, inteligente, participativo, paciente, igualitário e didático”.

“ Que cuida de nós como aluno e pessoa ”.

“ Que aceite as nossas diferenças ”.

“ Que nos guia em direção para um único ideal ”.

Para melhor compreensão desta categoria, seguem as produções pictóricas dos sujeitos que contribuíram para sua formação.

Grupo A

DOCENTE QUE QUEREMOS!

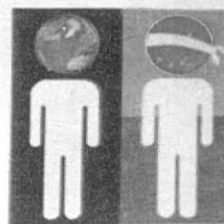
NA SALA DE AULA.



↳ "NOS RECEBE SEMPRE COM SORRISO"



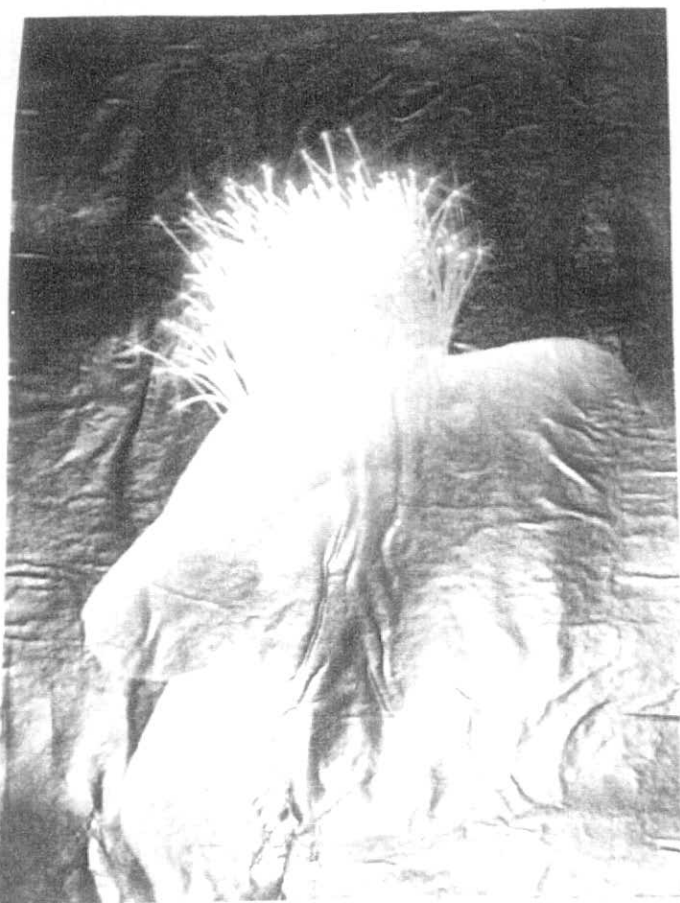
↳ Que seja vencedor, que tenha orgulho do que faz.



↳ Que seja atualiza- do c/a situação do nosso país e do mundo.



↳ TENHAM A VISÃO LEM DOS QUE OS OLHOS POSSAM ENCHERGAR.



↳ Que tenha um sorriso.



↳ "TENHA ATENÇÃO AS NOSSAS PALAVRAS"



↳ Que trabalhe em equipe



↳ NOS ACOLHA COM CARINHO



↳ NOS TRANSMITE TODA A SUA EXPERIÊNCIA

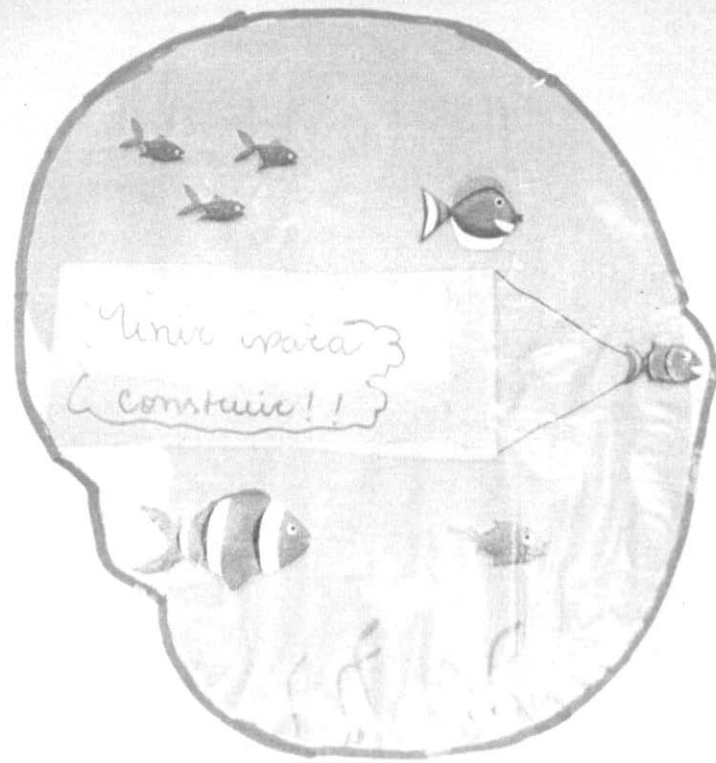
GRUPO B

U DOCENTE QUE QUEREMOS TER EM SALA DE AULA.

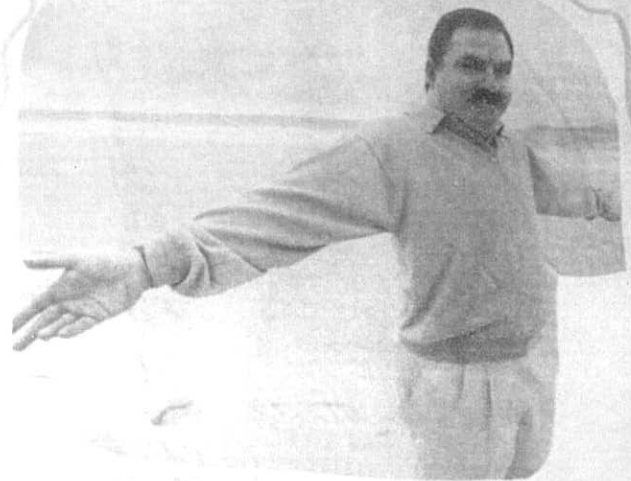
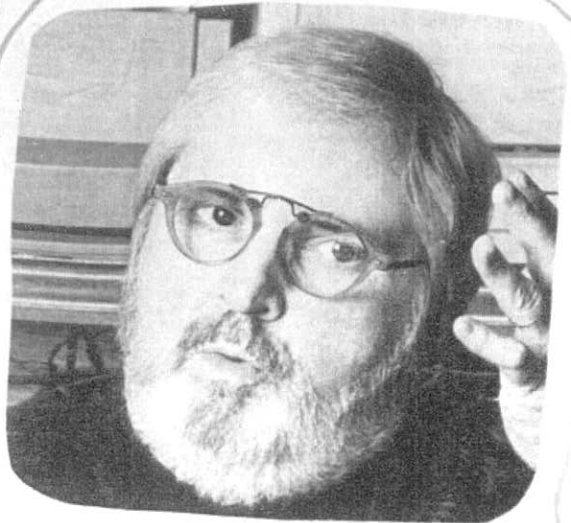


GRUPO C

O DOCENTE que queremos ter



* O Decente que gostaríamos
de Ter :



MUITO
INTELIGENTE

SEMPRE DE
BRAÇOS ABERTOS

(atenciosos)
(simpliciter), (amigos)

Perquirados

Estudando

Dentre os elementos que expressam uma visão do docente de enfermagem que os discentes gostariam de ter em sala de aula, vale a pena ressaltar as características das figuras representadas pelos discentes do curso de graduação em enfermagem.

GRUPO A2 : O grupo utilizou várias figuras para representar o docente que eles gostariam de Ter. Dentre as figuras, utilizou uma mulher sorrindo e de braços abertos, caracterizando a **disponibilidade de ajudar** o outro e de contribuir para o crescimento profissional.

Para representarem o docente com uma **visão ampla** da situação, utilizaram a figura de um homem colocando um óculos, com os olhos centrados numa única direção, possibilitando ampliar a imagem para visualizar e detectar coisas que os olhos não conseguem enxergar.

Utilizaram uma figura de um grupo de pessoas trabalhando juntas, a fim de representar o **trabalho em equipe**, acreditando que ao se ter uma equipe multiprofissional e interprofissional trabalhando com um único objetivo possa-se melhorar a qualidade do ensino.

Uma outra figura utilizada pelo grupo para representar **orgulho e vitória** foi de um homem com aparência de intelectual, utilizando terno e gravata com o braço direito estendido expressando ser um vencedor com muita garra e alegria.

Para representarem o **docente atualizado**, utilizaram uma figura de dois bonecos, um com a cabeça de um globo terrestre, voltado para as questões do mundo e o outro com a cabeça com uma parte da bandeira do Brasil e o fundo com o restante das cores que comporta a bandeira nacional.

Para representar o docente que **der atenção as nossas palavras** , utilizaram uma figura de um homem com as mãos no ouvido, caracterizando a escuta na relação entre diferentes pessoas.

Representaram o docente “**Experiente** ”, através da figura de um idoso, sinal que a experiência deve ser transmitida com toda serenidade e sabedoria, conciliando a teoria com a prática.

Utilizaram uma figura de uma mão com vários pavios acesos, representando **novas idéias**, possibilitando a pesquisa e extensão do ensino.

E por fim, utilizaram uma figura de duas pessoas, uma acolhendo a outra com carinho e respeito pelo outro.

GRUPO B2: Utilizaram uma figura de um homem idoso e sereno com a seguinte palavra sobre sua cabeça, entre aspas - “ **admirável** ” denotando a figura do docente que o grupo gostariam de ter e completando com as seguintes palavras: Responsável, Atualizado, Amigo, Politizado, Compreensivo, Inteligente, Participativo, Paciente, Igualitário e Didático, Construindo desta maneira a figura representativa do que o grupo idealiza.

GRUPO C2: Para representar o docente que eles gostariam de ter em sala de aula, utilizaram uma única figura de um grupo de peixes de diferentes espécies, seguindo numa única direção, todos no mesmo sentido para alcançar os mesmos objetivos e escreveram a seguinte frase: **Unir para construir**. Observamos que o grupo demonstra a necessidade de aceitação do ser aluno pelo professor, pois cada pessoa tem sua maneira de agir e pensar; portanto o grupo ressalta as diferente espécies, mas que todos estejam no mesmo caminho.

GRUPO D2: Utilizaram a figura do Jô Soares para representar o docente mito inteligente, conhecedor de vários conhecimentos gerais, pois este personagem eles consideraram como “Sabe de tudo muito”.

Para representarem o docente ideal, utiliza a figura de anjos, que trazem consigo a representação de um ser que espanta o mal e traz para o bem; Pessoa que protege não no sentido de acatar as decisões, mas que seja uma pessoa amiga, atenciosa e compreensiva, acompanhando para o melhor desempenho profissional.

Os sentimentos afetivos que favorecem positivamente a relação professor- aluno são representados através da figura de um homem de braços abertos, com expressões corporais de aceitação do outro, atuando de forma carinhosa, amiga, atenciosa e compreensiva nas diversas fases do processo pedagógico.

Nesta segunda categoria, a qual denominamos **O HOLÍSTICO** pode se observar várias formas de atuação que os discentes gostariam de encontrar no docente de enfermagem em sala de aula. Diz-se *Holístico* o termo que surgiu da palavra Holos- significada totalidade; inteiro; completo.

Várias são as conotações semelhantes que AMORIM (1999 : 201-202) remete à idéia de uma educação voltada para a totalidade, dentre elas: Educação holística, Educação integral, Educação global, Educação transpessoal, Educação transcendental e Educação para a paz.

Esta educação para a totalidade exige mudança fundamental de consciência, atitudes e valores, sendo capaz de propiciar o desenvolvimento integral do educando.

NARANJO (in Brandão, Crema, 1991), ao se referir à visão de totalidade em educação, assim se manifesta:

... “além de ser holística no sentido de educar a pessoa como um todo, penso que a educação deveria ser holística também sob outros aspectos como: a busca de uma integração de conhecimento, de uma orientação voltada à integração intercultural, de uma visão planetária das coisas, de um equilíbrio entre teoria e prática, da consideração do futuro juntamente com o passado e o presente; por isso utilizo o rótulo de educação integral no que se refere ao holismo educacional emergente que pessoalmente adoto”.

NARANJO (1991 : 112)

Segundo a representação do docente que os discentes gostariam de ter podemos observar que nas relações entre professor- aluno, os educandos esperam estabelecer um elo tanto intelectual quanto físico e emocional com seus educadores. Haja visto anteriormente que a forma como o professor se relaciona com seus alunos vai determinar, entre outros aspectos, a forma como estes se relacionam com o conteúdo. O clima de satisfação em sala de aula é essencial para atingir o processo educacional e a valorização de outros saberes faz com que o educador seja eterno aprendiz; respeitando a diversidade cultural.

Um outro aspecto observado nas falas que construíram esta categoria foi a necessidade de ser ouvido, ser visto, ser aceito e “ser cuidado”, tratando o docente como uma pessoa cuidadora no seu modo de ser, onde entende-se que a maneira como atua é permeada de valores e atitudes próprias de sua pessoa. Para BOFF (1999 : 33) o cuidado diz respeito a uma atitude de ocupação, preocupação de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. Em outras palavras, o docente de enfermagem, por ter em sua formação a essência do cuidar humano, faz- se necessário neste novo paradigma *o cuidado* que deve

ser inerente ao homem. Segundo o mesmo autor, o ser humano é um ser de cuidado que deve estar presente em tudo que proteja e faz.

Nesta categoria a figura do docente de enfermagem é representada como algo a ser atingido, inexistente, se apóia na transdisciplinaridade, visando a obtenção de diversos conhecimentos gerais, de modo a ampliar a própria experiência. A educação para a totalidade se dá de forma sistêmica, ou seja, trata-se de uma maior integração entre professor- aluno.

“ A partir destas categorias os docentes devem repensar suas práticas pedagógicas e pensar sobre novas formas de atuação em sala de aula ”.

Capítulo V

5.1 Considerações finais

A trajetória deste estudo proporcionou-me experiências inovadoras e singulares nunca vividas, que sem dúvida contribuirão para o meu crescimento pessoal e profissional. Neste caminho percorrido, até o momento atual, em que consigo conhecer e revelar as representações sociais que os acadêmicos de enfermagem têm acerca da atuação dos docentes em sala de aula, vivenciei alegrias, tristezas, ansiedades e dúvidas, que me conduziram a significativas reflexões acerca da minha vida profissional enquanto enfermeira e docente.

Poderia dizer que reformulei alguns conceitos pessoais e profissionais quando me permiti viver esta atual situação do ensino de enfermagem.

Senti-me gratificada por ter tido a oportunidade de buscar novos horizontes através do curso que proporcionou-me este estudo, conhecer outras pessoas de diversas formações e poder discutir minhas inquietações, promovendo o aprimoramento da formação do ensino superior.

Prazerosamente, através da dinâmica de criatividade sensibilidade, foi possível revelar como se dá a relação professor- aluno em sala de aula, a partir das representações sociais, revelando diversas formas de atuação do docente de enfermagem. Possivelmente as representações traduzem questões vivenciadas, mesmo que estas questões não estejam, para eles, conscientes, em todos os significados expressados, sejam eles verdadeiros, ilusórios ou contraditórios.

Quando iniciei esta trajetória, tinha como tema orientado, A Representação do docente de enfermagem pelos acadêmicos. No processo da pesquisa, os caminhos foram se abrindo, ficando no final a compreensão da Realidade X realidade: Representação acerca da atuação do docente de

enfermagem em sala de aula, concluindo que o docente que se tem em sala de aula é o REAL, enquanto que o docente que eles gostariam de ter é o IDEAL.

MOSCOVICI (1978 : 32) refere que:

... É pensando em termos abstratos ou concretos que o grupo tem uma imagem “ Real ” ou uma imagem “ Ideal ”.

No sentido das falas, evidenciou-se uma tendência liberal tradicional na interação professor- aluno, gerando níveis de insatisfação muito grandes nos discentes, interferindo negativamente sobre o processo de ensino- aprendizagem. Nesta fase, o docente é visto como autoritário e exerce um poder soberano sobre seus alunos não permitindo a participação ativa dos alunos. São meramente receptores do dito “ saber ”. Caracterizando o Soberano no contexto de realidade

Constatou-se que o docente idealizado é representado a partir da figura de uma pessoa com visão planetária das coisas, de um equilíbrio entre teoria e prática, que considere o futuro juntamente com o passado e o presente integrando vários conhecimentos gerais, com atuação na educação voltada para a totalidade no que se refere e foi denominado “ holístico ”.

Segundo AMORIM (1999:23), o termo educação holística baseia-se nos valores vitais para o ser humano, em busca da integração corpo, mente e alma. Trata-se de um desafio educacional quando consideramos a complexidade de uma educação para a totalidade.

O desenvolvimento desta monografia remete a achados importantíssimo para nós, docentes de enfermagem, que ensinamos *O CUIDAR*.

Sendo a enfermagem uma profissão de formação técnico- científica específica, fundamentada especialmente no Cuidar Humano, percebo que os discentes de enfermagem assumem características próprias de ser “Cuidado por alguém”.

Segundo BOFF (1999 : 33), **“o cuidar representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento com o outro”**.

Percorrer este caminho representou a incessante busca do crescimento profissional a partir dos conflitos e contradições aqui relatados. Repensar e refletir a partir de inúmeros fatos mencionados, representaram o somatório de vivências experimentadas durante o caminho percorrido, que me deram a certeza da validade deste estudo.

5.2 Referências Bibliográficas:

ABRIC, J. C. **Représentations sociales: aspects théoriques**. In: Pratiques Sociales et Représentations. Paris,1994.

ALMEIDA, M.C. P de; ROCHA, J. S.Y. **O saber de Enfermagem e sua dimensão prática**. São Paulo: Cortez, 1989.

ALVEZ, N. (org.).**O sentido da escola**. 2ºed. Rio de Janeiro: DpeA,2000.

AMORIM, A. A.M. de ; GOMES, C. S. **Didática para o Ensino Superior: Uma proposta em sintonia com a perspectiva de educação para a totalidade**. 2ºed.ver.e ampl. – Rio de Janeiro: Editora Gama Filho,1999.

BECK,F. **A epistemologia do professor: O cotidiano da escola**. 2ºed. Petrópolis: Vozes,1994.

BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do humano- compaixão pela terra**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BRANDÃO, D.M.S; CREMA,R. **Visão holística em psicologia e educação**. São Paulo: Sammus,1991.

FERNANDES, F. **Dicionário Brasileiro o Globo**.30ºed. São Paulo: Globo, 1993.

FRANCHI, E. P. (org.). **A causa dos professores**. Campinas, SP : Papyrus, 1995- Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia : Saberes necessários à prática educativa.** 14ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.- Coleção Leitura.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro, Graal,1993.

IBAÑEZ,M. **O campo de estudo das representações sociais. In: Núcleo Central das Representações Sociais.** Petrópolis: Vozes.1999.

JODELET, D. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: Moscovici, S. **Psicología Social II.** Barcelona,Paidós,1985.

GADOTTI, M. **Pensamento Pedagógico Brasileiro.** 2ªed. São Paulo: Editora Ática,1988.

GARCIA,G. **A relação pedagógica como vínculo libertador.Uma experiência de formação docente.** In: PATTO, M. H. (org.). Introdução à psicologia escolar. São Paulo,1982,p342.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1995..

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1985.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo : Cortez,1993. – Coleção magistério- 2º grau. Série formação do professor.

LOPES, A. O. (org.). **Repensando a Didática.** 12ª ed. Campinas, SP: 1996.

MINAYO, M.C.S. ; DESLANDES, S. F. ; NETO. O.C. ; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 6ªed.Petrópolis,RJ: Vozes,1994.

MOREIRA, A. S. P. ; OLIVEIRA, D. C. **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB,1998.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal : treinamento em grupo**. 6.ed.Rio de Janeiro: José Olympio,1997.

PENIN. S. T. de s. **A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RESENDE, L. M. G. de. **Relações de poder no cotidiano escolar**. Campinas, S P: Papyrus,1995.

RUFINO NETO, A. ; PEREIRA, J.C. **O processo saúde – doença e suas interpretações**. Medicina. v. 15. N. 1 e 2, p. 1-4, 1982.

SÁ, C. P. A . **A construção do objeto de Pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ,1998.

SOUZA, E.A . **Análise das Representações Sociais**. In: O conhecimento do Cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SPINK, M. J. **O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense,1995.

VEIGA, I. P. A.(coord.). **Repensando a Didática**.12^oed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

WEIL,P.;Tompakow,R. **O corpo Fala**. 39^oed. Petrópolis: Vozes,1996.

GRUPO: A

O docente que temos em sala de aula é preso a antigos paradigmas do tipo: “Eu sou o professor e você é o aluno” “Eu dou as ordens e você obedece”, não permite uma troca do saber e com isso muitas das vezes nos assusta com suas atitudes. São “fechados” com agente, não aceita diálogo e nos dando as costas quando queremos expor nossos problemas e nossas dificuldades encontrados na relação docente-discente.

O docente que queremos é aquele que nos receba sempre com um sorriso disposto a nos ajudar tanto para o nosso crescimento profissional como pessoal, tendo uma visão além do que os olhos possam enxergar, que tenha atenção a todas as nossas palavras; que nos acolha com carinho transmitindo toda sua experiência profissional e de vida e que trabalhe em equipe com os outros professores de diferentes áreas de conhecimento; Além de estar sempre se atualizando com a situação do nosso país e do mundo, adquirindo novas idéias. Enfim que seja um vencedor e que tenha orgulho do que faça; Sendo assim nosso docente ideal.

GRUPO B:

Em sala de aula temos aqueles docentes bons e os ruins, que tem qualidades boas e outras não tão boas assim. **Temos docentes do tipo:**

O Autoritário e ditador- acredita que detém todo o saber de enfermagem e não gosta de ser contestado. Não há uma troca de conhecimento entre aluno e o professor, pois acredito que o aluno também tem muito pra ensinar ao professor; Não é só o professor que detém todo o saber.

O Indiferente- É inerte ao que acontece a sua volta, principalmente no que diz respeito aos alunos.

O sabe nada- Sem conteúdo e desatualizado. Não consegue passar para o aluno o mínimo de conhecimento necessário; Na verdade não sabemos como chegou a ser professor!?

O Protetor de alguns- Seriam aqueles que fazem diferenças entre alguns alunos. Adota um aluno que “puxe o seu saco” e a ele lhe dá todas as regalias. Há uma diferença no tratamento entre professor e aluno.

A mãezona- É uma característica boa, cria um vínculo com o aluno agindo como se fosse uma mãe que quer o melhor para o seu filho, indica caminhos, quer que o aluno se dê bem.

O docente que queremos ter em sala de aula é representado com todas as qualidades que gostaríamos de vê em um docente, ou seja, que fosse responsável, atualizado, amigo, politizado, compreensivo, inteligente, participativo, paciente, igualitário e didático; É tudo que gostaríamos de ter.

GRUPO C :

O docente que encontramos, normalmente em sala de aula, de acordo com a nossa concepção é aquele que demonstra ser um “Deus”, detentor do conhecimento e “dono da verdade” , é o “todo- poderoso”, ele tudo pode e tudo faz, portanto se difere e destaca do aluno, fazendo questão de assumir esse papel. Temos também o “professor monstro” que é afrontador, dando –lhe medo de qualquer aproximação como pessoa ou aluno. Entretanto, existe ainda, um outro perfil de docente- “o contador de histórias” que representamos a figura de um animal- o peru; Por causa do seu papo. Esse professor só tem papo, conta história, este, é caracterizada pela dicotomia entre o pensar e o agir. Incentivando-nos, muitas das vezes, a lutarmos por nossos objetivos, quando na verdade foge do que nos incentivou e/ou aconselhou e muitas das vezes desanima o aluno.

Resumimos a relação professor-aluno através destas três figuras aqui representadas: o professor, o tablado e os alunos. O professor como detentor de conhecimentos, reina a soberania e os alunos numa posição inferior só estão ali para receber informações; Não tem a possibilidade de troca.

No nosso ponto de vista, acreditamos e, portanto, não sonhamos, que **o docente que queremos ter em sala de aula** é aquele que nos incentiva e cuida de nós como aluno e pessoa; Que nos aceita com todas as nossas diferenças e que nos guia em direção para um único ideal, qual seja: “UNIR PARA CONSTRUIR UMA ENFERMAGEM DE QUALIDADE”. Achamos uma figura que é ideal para representar, trata-se de um grupo de peixes, que são de diferentes espécies, daí nos acreditamos essas diferentes espécies como diferentes idéias que cada aluno tem e o professor apesar de ser pequeno de

tamanho, ele consegue guiar todos, apesar de todas as diferenças, para um único ideal.

GRUPO: D

O docente que temos tem o poder de decisão sobre o que é certo ou errado decide a nota zero ou a nota dez. Representamos alguns animais como o cão feroz e o leão, não no sentido de “feras de saber tudo”, mas no sentido oposto de serem “feras, bravos e rabugentos”, impondo medo e dominando o poder sobre nós. Geralmente encontramos professores autoritários onde a última palavra é sempre a deles, esquecendo-se que a turma tem pessoas com opinião própria e às vezes até contrárias à deles, cuja decisão tem mudar em prol do bem estar individual dessa pessoa que se diz “o dono da verdade” e se esconde atrás de uma mesa para firmar essa distância que tanto nos encomoda enquanto discente.

O docente que gostaríamos de ter representamos como a figura do Jó Soares que todos vêem como pessoa muito inteligente, conhecedor de vários conhecimentos gerais, ele sabe de tudo muito. O professor anjo dos quais nos referimos não é necessariamente no sentido de acatar todas as nossas decisões, mesmo que erradas, mas sim, no sentido de pessoa amiga, atenciosa e compreensiva, que possa nos esclarecer, aconselhar, mostrando-nos a melhor forma de agir, esperamos do professor a imagem de um amigo e não de um “carrasco” sempre impondo sua opinião. O professor geralmente é um espelho para o aluno!.



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS -
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA

Título da monografia : Realidade & Solidiedade : Representações acerca da atuação do docente de Engenharia em sala de aula!
Autor : Ana Cristina Silva Brito
Professor Orientador : Sônia Regina de Souza
Professor Leitor : _____

Parecer do Orientador :

Tema interessante, relevante e com clareza de resultados contribuído não só na avaliação dos professores no que diz respeito a atuação em sala de aula como também a uma reflexão por todos nós docentes acerca das representações construídas pelos docentes. Bibliografia atual, texto claro e objetivo que contém todos os elementos indispensáveis a uma monografia de pós-graduação. Sugiro que a autora apresente o resultado em todos os fóruns de interesse inclusive o de âmbito educacional.

Parecer do Professor Leitor :

Tema interessante, metodologia adequada, trabalho criativo. Há categorias que poderiam ser melhor exploradas - tendências, por ex -, ou que estão analisadas através de critérios pouco científicos - soberano. No entanto, levando em consideração a área de formação da pós-graduação - Engenharia - e o tempo para elaboração da monografia - três meses - atribuo-lhe o conceito (B)

Conceito Final :

B

Data :

12/06/01

Assinaturas :

Sônia Regina de Souza
L. Coelho